

Amazônia: descoberta gera polêmica

Foto Field Museum of Natural History

HELOISA VILLELA
Correspondente

NOVA YORK — As escavações da arqueóloga americana Anna Roosevelt na Amazônia revelaram bem mais que algumas novidades sobre a história da trajetória humana no planeta Terra. Elas desencavaram 20 anos de disputas acadêmicas entre os profissionais americanos, que estão em verdadeiro pé de guerra.

A corrente liderada por Anna Roosevelt acredita que as terras baixas da Amazônia foram o centro de irradiação da ocupação humana em toda a região. Os discípulos da arqueóloga Betty Meggers, do Instituto Smithsonian, garantem que o clima da floresta e os solos pobres não permitiriam o desenvolvimento de culturas evoluídas em épocas tão remotas como querem provar seus oponentes.

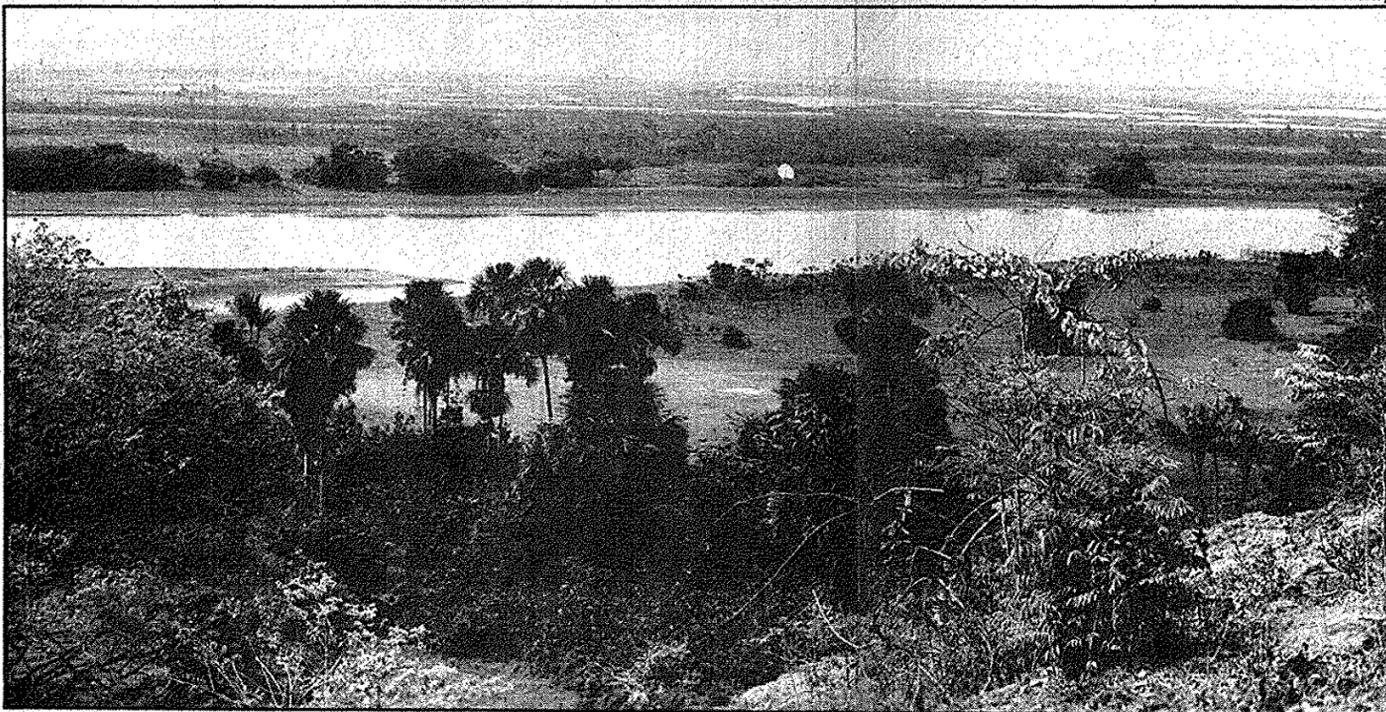
Nó mês passado, os jornais de todo o mundo publicaram manchetes anunciando a descoberta de cacos de cerâmica na Amazônia, que seriam os mais antigos já descobertos no Ocidente. Os cacos encontrados na região de Santarém, em Taperinha, pela equipe de Anna Roosevelt foram submetidos a testes, revelando uma idade entre sete mil a oito mil anos.

Os resultados foram publicados na revista "Science". Muni- da de seus cacos de cerâmica, conchas de moluscos e pedaços de carvão colhidos na mesma área, Anna Roosevelt afirma que o preconceito e o eurocentrismo não permitiram descobertas anteriores na Amazônia.

A briga, aparentemente apenas teórica, tem contornos políticos mais profundos e acusações mútuas. Anna Roosevelt usa a palavra crime para descrever o comportamento do casal Betty Meggers e Clifford Evans ao longo dos anos 60 e início dos 70.

Segundo Anna Roosevelt, através da manipulação de verbas para pesquisa e do bom relacionamento com Mário Simões, representante do Patrimônio Histórico e responsável pela distribuição de licenças para escavações na região amazônica, eles impediram o trabalho de arqueólogos que não seguiam sua linha de pensamento e duvidavam da teoria do desenvolvimento tardio por causa do clima da floresta.

O principal oponente teórico do casal Meggers e Evans era o professor de Anna Roosevelt na Universidade Harvard, Donald Lathrap, que faleceu há dois anos. Mário Simões também faleceu e não pode contar sua versão da história. Para Anna Roosevelt e seus seguidores, foi a morte de Simões que abriu o campo para novas pesquisas. Os alunos de Lathrap e Meggers estão trabalhando nos sítios arqueológicos à procura de provas para as diferentes teorias. Betty Meggers rebate as críticas dizendo que Anna Roosevelt está fazendo política e não acusações científicas.



Taperinha, na região de Santarém, é alvo da atenção dos arqueólogos americanos que procuram pistas sobre a trajetória do homem no Ocidente

Meggers chama de fantasia o trabalho de Roosevelt

NOVA YORK — Nos aspectos científicos, Betty Meggers chamou de fantasia as conclusões do trabalho de Anna Roosevelt dizendo que as descobertas não coincidem com nada do que foi estudado até hoje sobre a região. Quando uma descoberta como essa aparece, negando todo o conhecimento existente, os cientistas reagem, disse Betty Meggers. Segundo ela, é natural exigir provas convincentes antes de jogar por terra todo o conhecimento já acumulado.

— Ela me acusa de ser imperialista porque não acredito que a cerâmica mais antiga do mundo esteja no Brasil. E eu não tenho nenhuma influência na dis-

tribuição de verbas para pesquisa. O Mário Simões escolheu os arqueólogos que iriam trabalhar na Amazônia com a preocupação de manter o padrão nos métodos de coleta de dados — rebateu Betty Meggers.

As provas apresentadas por Anna Roosevelt, segundo a arqueóloga do Smithsonian, não são suficientes. De saída, Betty Meggers disse que Anna Roosevelt fez "apenas alguns poucos testes", submeteu somente um caco de cerâmica a testes e as datas das conchas de moluscos não significam muita coisa.

Os moluscos de água doce, afirmou, podem ser contaminados pelo cálcio do fundo do rio e,

nesse caso, o resultado do teste é mascarado. O carvão na água, completou, também é contaminado facilmente porque é um material poroso. Betty Meggers guarda ainda uma pergunta para Anna Roosevelt:

— Há 15 anos nós fazemos pesquisa na área, por que somente no sítio em que ela escavou foi possível encontrar cerâmica tão antiga?

Betty Meggers reforça a teoria de que o clima da floresta não permitiria a permanência de povos organizados em épocas tão remotas como quer provar Anna Roosevelt.

— O meio ambiente impõe severas limitações, você não pode

estocar alimentos com a umidade da Amazônia, por exemplo.

A descoberta de Anna Roosevelt, continua, deixa aberta uma grande fenda entre oito mil e três mil anos atrás. Os dados são esparsos e não esclarecem nada sobre os cinco mil anos entre a data da cerâmica encontrada próximo a Santarém e as informações já existentes. A arqueóloga do Smithsonian quer ver mais provas.

— Até onde eu sei, Anna Roosevelt é uma pessoa muito agressiva e está ficando sem opções de parceiros para trabalhar no Brasil — provocou Betty Meggers. (H.V.)

Foto Field Museum of Natural History



Roosevelt: descobertas polêmicas

Escavações são relatadas no artigo enviado à 'Science'

NOVA YORK — Dentro de três meses Betty Meggers pode ser surpreendida com novas revelações. Anna Roosevelt guarda com cuidado novas cartas sob a manga do casaco. Ela está trabalhando em um segundo artigo, que será submetido à revista "Science", baseado em suas escavações na Amazônia.

Anna não pode fazer comentários sobre o conteúdo do artigo, sob pena de não conseguir sua publicação, mas adiantou ao GLOBO que o material tem relação com a forma com que as culturas se desenvolveram na região e como elas se deslocaram.

— Os dados são muito sugestivos — assegurou.

Segundo a arqueóloga, o trabalho no Brasil é revelador e ainda existe muito a ser descoberto.

— As florestas tropicais da Ásia e da África não foram estu-

dadas cuidadosamente — disse.

Por quê? Preconceito histórico, dificuldade do Primeiro Mundo em aceitar o possível desenvolvimento de povos e culturas ao Sul do Equador antes mesmo do desenvolvimento na Europa, controle de verbas e boicote. Anna garante que o arqueólogo brasileiro José Brochado, ex-discípulo de Meggers e Evans, encontrou provas não divulgadas pelo Instituto Smithsonian.

A arqueóloga apresentou cópias da série de testes apresentados por Brochado datando a cerâmica Marajoara. Como os resultados reportavam a épocas mais remotas do que esperava o casal Meggers e Evans, a publicação dos dados foi retardada, e Brochado rompeu com o casal.

Outro que não poupa críticas a Betty Meggers é o arqueólogo Wesley Hurt. O veterano Hurt conta que começou a ter proble-

mas com Meggers e Evans em 1956, ao mostrar grande interesse em todas as culturas antigas da Amazônia.

— Eles trabalharam duro para impedir minhas pesquisas, mas não eram tão poderosos naquela época e eu também tinha meus amigos — disse Hurt.

A acusação do casal contra seus oponentes era a mesma que Meggers sustenta hoje em dia:

— Eles diziam que ninguém conhecia os métodos de escavação. Betty Meggers era odiada por todos os arqueólogos americanos — afirmou o arqueólogo.

Ele contou ainda que vários pesquisadores se viram impossibilitados de trabalhar por causa do controle do grupo do Smithsonian. Com relação a Anna, ele não mediu elogios e disse que, finalmente, "ela está podendo trazer os fatos à tona". (H.V.)